

**O PAPEL DA EDUCAÇÃO FEMININA E O CERCEAMENTO DA
LIBERDADE DA MULHER EM MARIA BENEDICTA BORMANN/DÉLIA E
CAROLINE VON WOLZOGEN**

Juliana Oliveira do Couto (UERJ)¹


Resumo: Na Alemanha, na virada do século XVIII para o XIX, e no Brasil, entre os séculos XIX e XX, imperava, em meio à ascensão e consolidação da burguesia, um regime patriarcal que ditava os critérios de “feminilidade” e “virtude” e relegava às meninas uma educação superficial, se comparada à dos meninos. No cerne dos romances *Agnes von Lilien* e *Lésbia*, de Caroline von Wolzogen e Maria Benedicta Bormann (pseudônimo Délia), respectivamente, encontra-se a questão da educação feminina no período e o cerceamento da liberdade das mulheres provocado pelas convenções sociais. O presente trabalho destina-se, portanto, à análise destes fatores na forma como comparece no discurso literário de Délia e Caroline von Wolzogen.

Palavras-chave: Feminino; Lésbia; Agnes von Lilien; Délia; Caroline von Wolzogen

A produção de Caroline von Wolzogen situa-se na Alemanha da virada do século XVIII para o XIX ao passo que os escritos de Maria Benedicta Bormann – que adotou o pseudônimo Délia, fato comum em um período no qual a aceitação de obras de autoria feminina não era recorrente (TELLES, In PRIORE, 2004, p. 431) – vieram a lume no Brasil entre os séculos XIX e XX. As obras destas autoras, cronologicamente distantes, se aproximam no que se refere às condições nas quais a escrita feminina estava circunscrita em ambos os países nos períodos em questão. O nascimento e propagação do romance – ocorrido em um momento de reconfiguração social por conta da ascensão da burguesia – ecoou em terras brasileiras um século mais tarde, o que justifica a proximidade das problemáticas abordadas nas obras de autoras separadas pelo tempo.

O romance *Agnes von Lilien*, de Caroline von Wolzogen veio a lume entre 1796 e 1797 em edições da revista *Die Horen*, de seu cunhado Schiller. A obra, publicada anonimamente, não despertou suspeitas acerca de sua autoria feminina. *Agnes* é um romance sobre a virtude, – que compreende o peso dos sacrifícios individuais em prol do bem coletivo – a *Bildung* (educação) feminina – restrita, se comparada à masculina – e a impossibilidade de conciliação entre impulsos do eu e demandas do mundo, ou melhor, das convenções sociais (o que alude à questão da abnegação ante às exigências do coletivo). A obra é narrada em primeira pessoa e entrecortada por cartas, que fazem as vezes de *flashbacks*.

¹ Graduada em Letras (UERJ), Mestre em Teoria da Literatura e Literatura Comparada (UERJ). Doutoranda em Teoria da Literatura e Literatura Comparada (UERJ).




Já o romance *Lésbia*, de Maria Benedicta Bormann/Délia esteve ao alcance dos leitores a partir de 1890, embora tenha sido escrito seis anos antes. A obra é narrada em terceira pessoa e pauta-se no amadurecimento de Anabela/Bela, que posteriormente adota a alcunha Lésbia ao iniciar-se na carreira literária – o que remete à personalidade da própria autora. O romance é pleno de questões pertinentes à condição de mulher, que ainda evocam grandes questionamentos nos dias atuais: a educação feminina, o espaço cedido à voz feminina no campo profissional (principalmente no meio artístico), a tentativa de calar a mulher letrada, a moral como disfarce e a marginalização da mulher na sociedade.

Embora haja a distância de quase um século entre as produções de Délia e Caroline von Wolzogen, no cerne das obras aqui analisadas encontra-se a mesma problemática: a educação (ou *Bildung*) feminina. Vale ressaltar que, conforme exposto anteriormente, há diversas nuances a explorar em ambas as obras, mas, a fim de evitar uma abordagem exaustiva dos romances, este trabalho enfocará prioritariamente nesta questão.

As condições da educação feminina nos períodos que correspondem à produção de Caroline von Wolzogen na Alemanha e de Délia no Brasil, estão atreladas a um modelo que relega às meninas um saber inferior ao oferecido aos meninos. De acordo com o pensamento em voga, seria necessário educar as meninas para ocupar a posição social que lhes seria cabível: a de esposa e mãe dedicada. A educação feminina se voltava, portanto, a um “saber social” (PERROT, 2007, p. 93). O acesso a um saber erudito seria contrário à vocação feminina, pois não se esperava das mulheres o desempenho de papéis sociais que exigissem um alto nível de instrução. Na realidade, não era desejável que mulheres desempenhassem tais funções. Seria necessário, portanto, manter o intelecto feminino passos atrás do masculino para que o “perigo” da instrução feminina não afetasse negativamente os papéis sociais relegados aos sexos, afinal, “uma mulher culta não é uma mulher” (Ibidem). A questão da educação feminina superficial está descrita em *Agnes* através das palavras da condessa Amalie, ao narrar a educação que sua família lhe ofereceu, em contraposição à educação esmerada recebida por Agnes:

Meu pai vivia às voltas com seus negócios. Os meus irmãos deixou aos cuidados de um prudente preceptor. A educação das filhas relegou ele à mãe, que, por sua vez, nos deixou aos cuidados de uma velha francesa, que sequer coração ou cabeça tinha e nos tratava como bonecas, com as



quais brincava de acordo com seu humor ou as atirava em um canto (WOLZOGEN, 2012, p. 138 – tradução nossa).²

No que se refere à educação de Agnes, logo no início do romance é descrito o zelo com o qual seu pai adotivo tratava da questão:

Tive algumas horas de aprendizado, que visavam à minha habituação ao trabalho regular. Mas, naquele tempo, era-me imperceptível o fato de meu pai se ocupar ao longo de todo o dia com minha educação (Ibidem, p. 5 - tradução nossa).³

A construção de ambas as personagens, no que concerne ao acesso à educação, transparece, portanto, a discrepância entre a formação regular das meninas do século XVIII e a instrução excepcional à qual a protagonista de Wolzogen teve acesso.


Já Délia aponta em passagem de seu romance a passividade feminina ante as opressões sofridas como consequência de uma educação limitada e cerceadora, fruto de uma sociedade criada *por* homens e *para* os homens. Educação esta que pode até mesmo provocar um preconceito advindo das próprias mulheres contra aquelas que se recusam a aceitar os padrões que a sociedade lhes impõe:

Entre nós [brasileiros] o preconceito e o atraso relegam a mulher, colocam-na sempre em segundo plano, aceitando ela paciente esse papel secundário por falta de cultura, ou por flexibilidade de ânimo, ou por efeito de educação, ou para não incorrer em singularidade. Infeliz, porém, da que tenta fugir à essa praxe; tem contra si, primeiramente as próprias mulheres, movidas pela inveja, pelo ciúme ou por qualquer mesquinharia; depois, todos os homens, mordidos pelo despeito e indignados com a infração desse *soi-disant* [suposto] direito de supremacia, criado para seu exclusivo proveito (BORMANN, 1998, p. 98).

Délia e Caroline von Wolzogen ousaram, portanto, elevar suas vozes em um período no qual as pretensões intelectuais femininas não somente eram mal vistas como desencorajadas. A ignorância era tida por muitos, inclusive, como “parte da imagem de feminilidade” (VASCONCELOS, 2007, p. 128). Imagem esta, minuciosamente construída através do cerceamento da liberdade feminina, viabilizado pelas rígidas regras sociais criadas com o intuito de difundir o papel de “mulher virtuosa” (Ibidem). As

² No original: Mein Vater lebte in seinen Geschäften. Meine zwey Brüder hatte er einem verständigen Hofmeister übergeben, die Erziehung der Töchter überließ er der Mutter, und diese übergab uns einer alten Französin, die weder Herz noch Kopf hatte, und uns als Puppen behandelte, mit denen sie nach Laune spielte, oder sie in Winkel warf.

³ No original: Ich hatte einige Lehrstunden, um mich an regelmäßige Arbeit zu gewöhnen; aber mir damahls unbemerkbar war mein Vater, während dem ganzen Lauf des Tages, mit meiner Bildung beschäftigt.



autoras em questão não somente arriscaram-se no meio literário como transpuseram para suas obras questões cruciais ao papel da mulher na sociedade e aos seus direitos como cidadãs. Agnes e Lésbia, guardadas as distinções entre as personagens, são mulheres que receberam uma educação acima da média e, por esta razão, percebem as amarras impostas às mulheres de seu tempo. Embora o tom das protagonistas seja diverso, – a voz de Agnes é mais amável, à medida que a expressão de Lésbia é mais ácida – há uma convergência no que se refere ao cerne da problemática educacional feminina.


No que tange à formação das meninas brasileiras do século XIX, é possível observar claramente o papel secundário que esta exercia, se comparada à educação concedida aos meninos, no relato da exploradora americana Elisabeth Agassiz⁴:

[...] no Brasil, pouco se cuida da educação da mulher; o nível da instrução dada nas escolas femininas é pouquíssimo elevado; mesmo nos pensionatos frequentados pelas filhas das classes abastadas, todos os professores se queixam de que se retiram as alunas justamente na idade em que a inteligência começa a se desenvolver. A maioria das meninas enviadas à escola aí entram com a idade de sete ou oito anos; aos treze ou quatorze são consideradas como tendo terminado os estudos. O casamento as espreita e não tarda em tomá-las (AGASSIZ, 2000, p. 435).

Corroborar-se, portanto, o intento de oferecer às meninas brasileiras, – assim como ocorria com as europeias – uma educação superficial, destinada a um saber que as guiasse socialmente, não intelectualmente, já que o grande objetivo feminino deveria ser, sem exceção, a vida doméstica, isto é, o papel de mãe e esposa zelosa.

É importante destacar na escrita de Délia ademais, ecos das ideias de outra importante escritora brasileira dos séculos XIX/XX: Nísia Floresta, – pseudônimo de Dionísia Gonçalves Pinto (1810-1885) – uma das primeiras brasileiras a se posicionar ante à opressão sofrida por seu sexo e responsável por trazer ao Brasil ideias igualitárias que circulavam em solo europeu, como a tradução da obra *Woman not inferior to man* (1739), assinada por Sophia, cuja real autoria nunca se confirmou. Na realidade, Nísia acreditava realizar a tradução da célebre obra *Reivindicação dos direitos da mulher* (1792), de Mary Wollstonecraft, o que revela a precariedade do trânsito de ideias no Brasil do século XIX, recém libertado de sua condição de colônia de Portugal (MORAES,

⁴ Elisabeth e seu marido, Jean Louis Agassiz, viajaram pelo território brasileiro entre 1865 e 1866 registrando em seus escritos suas impressões acerca do país. Seus relatos em conjunto estão contidos na obra intitulada *Viagem ao Brasil: 1865-1866* (Senado Federal, Conselho Editorial, 2000).



In: WOLSTONECRAFT, 2016, p. 14). O resultado desta tradução é a obra *Direitos das mulheres e injustiça dos homens* (1832). Cabe acrescentar que, de qualquer modo, a autora não deixou de disseminar as ideias da inglesa, já que a questão do direito feminino à educação figurou com um dos pontos centrais de sua crítica:

[...] se nós gozamos as mesmas facilidades e se nos permite, como a eles [os homens], entregar-nos ao estudo, não se pode duvidar que nós avançaríamos pelo menos em igual passo, nas ciências e em todos os conhecimentos úteis.

Não pode ser, portanto, senão uma inveja baixa e indigna, que os induz a privar-nos das vantagens a que temos de um direito tão natural como eles. O pretexto que eles alegam é que o estudo e as ciências nos tornariam altivas e viciosas; mas esse pretexto é tão desprezível e extravagante e bem digno do seu modo de obrar (FLORESTA, In: DUARTE, 2010, p. 91-92).


Wollstonecraft, por sua vez, afirma que,

[...] se a Razão oferece sua sóbria luz, se as mulheres são realmente capazes de agir como criaturas racionais, que não sejam tratadas como escravas nem como animais que, submetidos ao homem, dependem da sua razão; mas, ao contrário, cultivem sua mente, deem a elas o limite sublime e salutar dos princípios e deixem que alcancem a dignidade consciente, sentindo elas próprias que dependem apenas de Deus (WOLLSTONECRAFT, 2016, p. 58).

No que concerne à posição das escritoras em solo germânico, nota-se um severo refreamento da circulação de ideias emancipatórias, o que justifica a apresentação da problemática do acesso feminino à educação em um tom não incisivo em Wolzogen. Conforme Wolfgang Beutin,

Foi a *Empfindsamkeit* [Sentimentalismo] e a moda do romance epistolar que proporcionaram uma participação mais intensa das mulheres no processo literário, na segunda metade do século XVIII. [...] [As autoras] tiveram de sacrificar muitas vezes as suas exigências emancipatórias e estéticas – pressionadas por considerações económicas – e produzir uma mercadoria ideologicamente neutra para o mercado literário. Frequentemente, as mulheres reproduziam a imagem feminina reaccionária [sic] dos autores masculinos. Tinham grande dificuldade em se libertar, enquanto autoras, da imagem que lhes havia sido fixada pelo discurso masculino dominante, segundo o qual a dignidade das mulheres residia antes de mais em “não ser conhecidas” e a sua única felicidade “no respeito pelo marido” e “na felicidade da sua família” (Rousseau) (BEUTIN, 1993, p. 272).

Retomando as figuras centrais dos romances em questão, vale ressaltar ainda um fator importante que distingue as personagens: a altura da vida na qual se encontram, o que colabora para a distinção de tom entre a fala de Agnes e a de Lésbia. A protagonista



de Caroline von Wolzogen é muito jovem e se encontra às voltas com os obstáculos impostos ao seu primeiro e grande amor, o que justifica sua ingenuidade e amabilidade ante as adversidades. Já a personagem principal de Délia é uma mulher madura, que muito se desapontou amorosamente e possui uma carreira consolidada (apesar de todos os dissabores advindos do preconceito em relação à escrita feminina), o que legitima o seu amargor. Agnes externa suas impressões, portanto, calcada em sua pouca vivência, enquanto Lésbia tece suas observações do alto de sua experiência.


De acordo com Agnes, logo no princípio de sua trajetória no romance, a chave para uma vida apoiada na integridade é justamente uma educação que ofereça amplos conhecimentos e, desse modo, incentive o desenvolvimento de um senso crítico, que guie os indivíduos rumo a escolhas acertadas. Ao longo das adversidades que a vida lhe impõe ao longo do enredo, a protagonista constata a existência de todo um mundo de convenções sociais que impossibilitam uma vida pautada apenas na própria razão, fato com o qual Lésbia há muito já havia se familiarizado.

Pode-se afirmar, portanto, após esta breve exposição, que os escritos de Délia e Caroline von Wolzogen constituem um retrato das mulheres de seu tempo: limitadas a uma educação superficial e à mercê não somente dos preconceitos dos homens como dos pré-julgamentos de seus pares. Muito há a se explorar nos romances em questão, mas, a fim de apresentar uma exposição concisa, o aprofundamento deste e de outros vieses das obras pode ser explorado em um esclarecimento futuro.

Referências bibliográficas

AGASSIZ, Jean Louis Rodolph; AGASSIZ, Elisabeth Cary. *Viagem ao Brasil: 1865-1866*. (pp. 435-439) Trad. Edgar Sússekind de Mendonça. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000. Disponível em <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/sf000071.pdf>>, acesso em 02/07/2016.

BEUTIN, Wolfgang et al. *História da literatura alemã: das origens à atualidade*. Trad. Anabela Mendes; Fernanda Gomes; Manuela R. Sanches; Maria Assunção P. Correia; Teresa Cadete. Lisboa: Cosmos, 1993. v. 1.



BORMANN, Maria Benedita Câmara (Délia). *Lésbia*. 1ª. Ed. 1890. Introdução de Norma Telles. Florianópolis: Editora Mulheres, 1998.

DUARTE, Constância Lima. *Nísia Floresta*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4711.pdf>, acesso em 02/07/2016.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo, Editora Contexto, 2007.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In PRIORE, Mary del (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

VASCONCELOS, Sandra Guardini. *A formação do romance inglês: ensaios teóricos*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild; FAPESP, 2007.

WOLZOGEN, Caroline von. *Agnes von Lilien*. Altenmünster: Jazzybee Verlag Jürgen Beck, 2012. Disponível em: file:///C:/Users/Samsung/Downloads/Agnes_von_Lilien.pdf, acesso em 07/03/2016.

WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação dos direitos da mulher*. Trad. Ivania Pocinho Motta. São Paulo: Boitempo, 2016.